

O Canto da Cigarra (ode primaveril)

A euforia em minha voz
É a mesma que a cigarra canta
Pois depois vem os prantos
da loucura ao acalanto
da morte ao descanso
e enfim a eternidade.
No fracasso, perdurando
meu erros, minha imagem...

Minha alma torturada inda implora por amor
Toda sanidade se ofusca com o langor
O desespero novamente engana- me com miragens...
Mais uma vez me invade o amargo dissabor

A esperança abre uma cova em meu peito
Vazio, meu caixão abaixo, frio, aguarda ainda
Nos momentos em que o doce sonho é meu único anseio
A nostalgia abrupta enleva- me à minha insana agonia

Ando na corda bamba agourando minha caída
Meço o espaço entre a loucura e a sanidade
São de que abaixo deste circo que é a vida
Irei encontrar na dor infinda, minha eternidade

A platéia delira, e delirantes me olham rindo
Ansiosos por minha queda querem a comédia
Esta é a sanidade? Então caio neste sadismo
Que finde o espetáculo e se inicie uma tragédia...

Em meu funeral, que venham todos!
Celebrarem juntos à mim, de minha rara sorte
Por alguém ter enfim ouvido os meus rogos
Ò minha cara amiga morte à ti dedico esta Ode.
(primavera-2011)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-canto-da-cigarra-ode-primaveril-1>